

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ABC - UFABC

SÃO BERNARDO DO CAMPO/2019

Uma estratégia para o ensino de Filosofia a luz de Rubem Alves

Aluna: Lilian Ortiz Costa

lilian_ortiz@outlook.com

R.A.: 21029910

Orientador: Prof. Dr. Daniel Pansarelli

daniel.pansarelli@ufabc.edu.br

Resumo: Rubem Alves é autor de uma vasta obra com a temática Educação. Apesar de não ter nos deixado nenhum método pré-concebido de ensino-aprendizagem, no qual nos ensina passo a passo como proceder para que o aprendizado se concretize na mente do aluno, sua filosofia nos provê instruções valiosas sobre o que impede o aluno de aprender e no que consiste o ato de educar. O presente trabalho oferece uma breve descrição de sua perspectiva humanista da Educação, suas críticas ao modelo vigente de escola, bem como seu ideal de educador. Por fim, apresentamos uma reflexão final sobre o conteúdo estudado, e propomos nossa própria estratégia de ensino de filosofia, com base nos ensinamentos de Alves.

Palavras Chaves: Humanismo, Rubem Alves, Ensino-aprendizagem, Estratégia de ensino.

Introdução

E assim se fez. Os arautos anunciaram a boa-nova. De repente o reino mudou. Todos compreenderam que o futuro passava pelos exames vestibulares e que só havia uma coisa que importava: a grossura do 'seu vizinho' da mão esquerda. Cessou a antiga alegria inconsequente distraída. [...] O que importava era passar no vestibular e, no vestibular, só contava a grossura do dedo. (ALVES, 1986, p. 14)

Num mundo cada vez mais orientado pela ótica do lucro e pela máxima de que “conhecimento é poder”, o ensino dos jovens tem passado longe de ser uma atividade agradável e fonte de prazer. A realidade do ensino de filosofia se descolou de sua essência de “amizade pela sabedoria”¹ para assumir uma ótica mais utilitarista²: aprendo o que me serve para passar no vestibular, o que sobra me é inútil.

Os alunos, sobretudo aqueles cursando o Ensino Médio, vivem o dilema de terem que engolir conceitos e conhecimentos dos quais não entendem sua aplicação prática, bem como não sentem alegria em sua aprendizagem, e administrar a “intoxicação alimentar” provocada por todos esse conteúdo que lhes é entregue sem sabor, sem tempero, e sem a fome³, componente fundamental para o despertar do desejo de comer.

Frente a esse cenário desanimador, nosso interesse é oferecer reflexões que possam ajudar na construção de metodologias alternativas, utilizando como base as importantes ponderações propostas pelo filósofo

¹ A palavra Filosofia deriva de duas palavras gregas: *philia* que significa amizade ou amor fraternal, e *sophia* que significa saber. Assim, atribui-se a filosofia o significado de “amizade pela sabedoria” (JAPIASSÚ & MARCONDES, 2001).

² Deriva de Utilitarismo, doutrina fundada por Jeremy Bentham e desenvolvida por John Stuart Mill que considera ações boas aquelas que promovem o bem em maior grau. A moral utilitarista se funda na ideia de que a utilidade é o principal critério da atividade humana (JAPIASSÚ & MARCONDES, 2001).

³ Alves usa o termo fome como metáfora para o desejo de aprender do aluno. Em sua literatura ele também compara educadores com cozinheiras, sendo que “A verdadeira cozinheira é aquela que sabe a arte de produzir fome...” (ALVES, 2004, p. 20)

da Educação Rubem Alves⁴, que resgate esse prazer que sentimos ao aprender novos conhecimentos, sem desatender o programa definido pela instituição de ensino. Muitas vezes não é necessário descartar toda a *comida* recebida pronta pelo fornecedor por não ter gosto, podemos adicionar nosso próprio tempero e aquecê-la de uma maneira diferente para torná-la tão saborosa a ponto de se tornar irrecusável pelos que a consumirão.

Uma perspectiva humanista da educação

Em entrevistas, quando perguntado sobre o processo de ensino e aprendizagem, Rubem Alves sempre fez questão de exaltar o amor. Em “Conversas com quem gosta de ensinar”, o autor critica o fato de uma das pautas mais importantes para os professores ser a aposentadoria.

Segundo Rubem:

Que amante quereria aposentar o seu corpo depois de 25 anos de experiência de amor? O amor e a paixão não anseiam pela aposentadoria, porque são eternamente jovens. (ALVES, 1980, p. 21)

Para ele o ato de ensinar é indissociável do amor, ambos caminham juntos. Essa atitude romântica com relação ao ensino nos permite afastá-lo de uma educação conteudista, aquela na qual o conteúdo a ser transmitido é o centro do processo, para aproximá-lo de uma concepção humanista de educação.

Uma atitude humana direcionada a educação não se trata de um repúdio aos clássicos e um descarte ao conhecimento já consolidado, mas um olhar atento ao sujeito que aprende, como um ser dotado de

⁴ Professor emérito da UNICAMP, bacharel em teologia, doutor em filosofia e psicanalista Rubem Alves (1933-2014) tornou-se uma referência na busca de uma mudança na forma e no conteúdo do ensino brasileiro.

vontades e subjetividade.

Antonio Vidal⁵ nos esclarece que:

A concepção educacional de Alves, se encontra intimamente articulada ao seu humanismo, nele o homem é afirmado como ser de desejo, de criação. Não se trata de negar a cultura estabelecida nem a necessidade que temos dela para poder sobreviver e entrarmos no mundo humano. As receitas passadas não são indispensáveis, o legado de nossos antecessores não pode ser renunciado. Ele nos permite caminhar sobre terra firme. (VIDAL, 2012, p. 7)

O problema para Alves é a maneira através da qual esses conhecimentos são transmitidos, maneira esta completamente dissociada da vida dos alunos e dos objetos que lhes são relevantes (VIDAL, 2012). O filósofo nos adverte que a criança não vê sentido em carregar um conhecimento morto que não consegue assimilar nem reconhecer aplicação em sua própria vida, e trata de se desfazer desse fardo o mais rápido possível.

Ainda nessa linha, em entrevista com o diretor Abujamra, ao ser questionado sobre o processo de ensino e aprendizagem, Alves nos ensina que:

(...) O que existe é aprendizagem. E o corpo deseja aprender. Por quê ele deseja aprender? Porque ele precisa viver. O impulso fundamental para a aprendizagem é o impulso de viver. (ALVES, 2011a, Programa Provoações.)

Dessa forma Alves nos mostra que o indivíduo possui uma inclinação intrínseca para o aprendizado; o desejo de se manter vivo produz um movimento natural em direção ao conhecimento. Por outro lado, informações que não se mostram úteis e aplicáveis no contexto de

⁵ Professor associado da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), mestre e doutor em Educação, possuindo Pós-Doutorado em Filosofia pela UFRJ (2004). Atua na área de Filosofia no Brasil e na América Latina e em Filosofia da Religião. Currículo Lattes disponível em <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4786390Y9>.

conservação da vida, são facilmente dispensadas pelo corpo.

Ora, como realizar o processo de aprendizagem nesse cenário? Sabendo que o aluno não é um computador, que recebe, registra e reproduz todos os dados que lhe são transmitidos, o foco no processo de ensino deve estar na provocação do aluno, a fim de despertar-lhe o desejo pelo objeto que se pretende ensinar.

Rubem Alves gosta de demonstrar esse movimento da inteligência usando uma metáfora que a compara com o órgão sexual masculino. Em um artigo escrito para a Revista Educação, intitulado “Sobre a inteligência e o pênis”, Alves nos explica que:

A inteligência funciona do jeito como o pênis funciona. Pois o que é o pênis? É um órgão que, no seu estado normal, é um apêndice ridículo, flácido, que realiza funções excretoras automáticas que não exigem esforço de pensamento. Mas, se provocado pelo desejo, ele passa por extraordinárias transformações hidráulicas, cresce, aponta para o alto e ganha o poder de dar prazer e de criar vida. Sem desejo é inútil que a cabeça lhe dê ordens... Assim também é a inteligência. No cotidiano, ela se encontra num estado de flacidez e preguiça que é mais do que suficiente para a realização das tarefas rotineiras. Quando, entretanto, a inteligência é provocada pelo desejo, ela cresce e se põe a pensar as coisas mais extraordinárias. (ALVES, 2011b, p. 1)

Neste trecho o autor deixa claro que a inteligência atinge seu auge quando excitada por algo. E o produto do movimento realizado pela inteligência em direção ao objeto desejado é o conhecimento. Assim, é fundamental que o método utilizado para o ensino não se alicerce na quantidade de conteúdos a serem transmitidos, mas na capacidade do agente da educação de seduzir os alunos a ponto de que estes desejem o que se pretende ensinar.

Outro aspecto importante na pedagogia de Rubem Alves é a essencialidade de se estimular uma atitude crítica e questionadora nos

alunos. Para o autor o ensino de respostas não é capaz de desenvolver o potencial do educando por completo, pois apesar de elas lhe permitirem caminhar sobre terra firme, são as perguntas que possibilitarão ao aluno desbravar o mar desconhecido (ALVES, 1994a).

É essa postura crítica e questionadora que permitirá ao aluno criar novos conhecimentos e novas maneiras de assimilar as informações que lhe foram transmitidas inicialmente. Incentivar os alunos a fazerem perguntas é fundamental para o processo de se colocar em suspenso os conhecimentos já consolidados e abrir espaço para a prática criativa.

António Vidal condensa brilhantemente as ideias de Alves sobre o tema, no trecho que se segue:

Possibilitar ao educando uma postura crítica e criativa é permitir ao mesmo versatilidade no trato com o mundo, em suas possibilidades de recriação. Para tal os alunos devem aprender a fazer perguntas, é nisso que nossas escolas devem contribuir. (VIDAL, 2012, p. 7)

Como consequência por ter pensado e escrito idéias tão notáveis sobre a educação, Rubem Alves foi constantemente convidado a elaborar um método de ensino e aprendizagem eficaz, que funcionasse segundo suas premissas. O educador, porém, nunca produziu tal método. Pelo contrário, em uma entrevista que deu em 2006 ao site Educare.pt, quando perguntado sobre como seria a escola ideal, ele responde: “Ah! Se eu soubesse... Na verdade, não há uma escola ideal.”

Porém Alves não nos deixa completamente no escuro. Sempre fiel às suas ideias ele nos diz que é primordial que as escolas criem um espaço de convivência entre os alunos, onde estes se sintam livres e sem medo de aprender, e sejam autorizados a tomar os problemas da vida real como objeto de sua aprendizagem.

A crítica de Rubem Alves sobre o sistema de ensino atual

A pedagogia desenvolvida por Rubem Alves surge a partir de sua análise crítica-reflexiva acerca dos modelos educacionais aplicados à Educação Brasileira e que, em parte, são responsáveis pela falência do nosso sistema de ensino na tarefa de realizar a aprendizagem de maneira efetiva.

Para o educador, ao invés da escola despertar no aluno o desejo de aprender, a curiosidade e o assombro pelas coisas do mundo, ela mata esse desejo, anulando completamente a fome natural que o ser humano possui pelo ato de aprender.

A transmissão dos conteúdos de forma autoritária realizada pelas escolas, que apresentam os conhecimentos aos alunos como verdades absolutas, somente contribui para a reprodução dos legados culturais que temos herdado desde muitas gerações (VIDAL, 2012). A postura crítico-reflexiva, essencial para que o processo de aprendizagem aconteça de forma efetiva, é completamente aniquilada em função da acumulação de saberes - muitas vezes ininteligíveis ao aluno -, cobrados posteriormente no vestibular.

Alves denuncia que, de modo geral, as escolas entendem seus alunos como “alunos abstratos”. Tal definição deixa de fora toda a subjetividade característica do aluno real, aquele de carne e osso. Nessa linha, em seu livro “O desejo de ensinar e a arte de aprender”, o autor nos adverte:

Ah, é importante nunca se esquecer disso: alunos não são unidades bio-psicológicas móveis sobre os quais devem-se gravar os mesmos saberes, não importando que sejam meninos nas praias do Nordeste, nas montanhas de Minas, às margens do Amazonas, ou nas favelas do Rio. Os alunos são crianças de carne e osso que sofrem, riem,

gostam de brincar, têm o direito de ter alegrias no presente, e não vão à escola para serem transformados em unidades produtivas no futuro. (ALVES, 2004, p. 27)

Rubem Alves sempre foi um ávido crítico dos engessados programas de ensino que norteiam as atividades dos professores. Em sua entrevista dada a TV cultura em 2011, Alves chega a ironizar o termo *grade curricular* ao dizer que esta “foi uma expressão criada por um carcereiro aposentado” (ALVES, 2011a). O filósofo diz que esse é um dos motivos pelos quais a criança não aprende, uma vez que ela é forçada a reproduzir conceitos que não possuem aplicabilidade nenhuma à sua vida. Para exemplificar isso, ainda na mesma entrevista, Alves questiona: “Porquê que uma criança tem que saber o que é dígrafo?” (ALVES, 2011a).

A teoria de educação de Rubem Alves afirma a existência de duas qualidades de conhecimentos admitidas pelo corpo. A primeira é a *caixa de ferramentas* que abriga todas as variedades de saberes instrumentais que nos oferecem suporte para realizar tarefas do dia a dia (ALVES, 2004). Conhecimentos matemáticos, por exemplo, são úteis na construção de edifícios e outras obras da engenharia humana.

Em contrapartida, a outra caixa carregada pelo corpo é definida por Alves como *caixa de brinquedos*. Nela carregamos tudo o que não nos é útil como “meios para viver”, mas que nos provê alegria e prazer (ALVES, 2004). É nessa caixa que estão a poesia, a música, a contemplação da natureza; tudo aquilo que, não servindo para nada, nos presenteia com razões para viver.

E é aqui que habita um erro crucial do ensino tradicional: Ensinar conteúdos que não se adequam a nenhuma das duas caixas. Para além de forçar violentamente o aluno a engolir conhecimentos dos quais ele se desfaz logo em seguida, a escola cria um sentimento de ódio dentro do

educando em relação ao conteúdo ensinado. Para Alves, um dos motivos pelos quais os adolescentes brasileiros não gostam de ler, é o ódio à leitura que eles desenvolvem ao lherem cobradas leituras obrigatórias para o vestibular.

Nas palavras do filósofo:

Na “caixa de brinquedos” estão os livros de literatura e poesia que devem ser lidos pelo prazer que nos dão. Obrigar uma criança ou um adolescente a ler um livro de que não gosta só tem um resultado: desenvolver o ódio pela leitura. É o que acontece com os jovens que, preparando-se para o vestibular, são obrigados a ler os “resumos”. A receita certa para destruir o prazer da leitura é colocar um teste ao seu final para avaliar o aprendido. Ou pedir que se faça um fichamento do livro lido. (ALVES, 2004, p. 58)

Dada a natureza poeta de Alves, o autor recorre frequentemente a metáforas para elucidar seus pensamentos. É assim que em uma de suas crônicas ele divide as escolas em dois tipos: Escolas que são asas e escolas que são gaiolas (ALVES, 2002).

As escolas que são asas tomam como razão de sua existência a tarefa de incentivar o vôo de seus passarinhos, i.e., seus alunos. Elas entendem que a arte de voar já pertence ao ser dos seus educandos, por isso não tentam ensiná-la, mas sim instigá-la.

Nas palavras do próprio autor:

Escolas que são asas não amam pássaros engaiolados. O que elas amam são os pássaros em vôo. Existem para dar aos pássaros coragem para voar. Ensinar o vôo, isso elas não podem fazer, porque o vôo já nasce dentro dos pássaros. O vôo não pode ser ensinado. Só pode ser encorajado. (ALVES, 2002, p. 5)

Escolas que são asas não ensinam respostas prontas e verdades absolutas para seus alunos, elas lhes ensinam perguntas. Nessas escolas

os alunos são incentivados a assumir uma postura crítico-reflexiva, o que os torna sujeitos autônomos, capazes de analisar o que lhes é dito e produzir sua própria versão dos fatos. Em tempos de *fake news*⁶ esta habilidade deveria ser priorizada no ensino de nossas crianças.

Ora, como essas escolas desempenham tão nobre tarefa? Para entendermos como esse processo de aprendizagem de realiza, recorremos a ideia de Rubem Alves sobre “criar fome” no aluno:

Toda experiência de aprendizagem se inicia com uma experiência afetiva. É a fome que põe em funcionamento o aparelho pensador. Fome é afeto. O pensamento nasce do afeto, nasce da fome. Não confundir afeto com beijinhos e carinhos. Afeto, do latim *affetare*, quer dizer ir atrás. O “afeto” é o movimento da alma na busca do objeto de sua fome. (ALVES, 2004, p. 20)

Em seguida, sobre a função do professor, Alves conclui:

A tarefa do professor é a mesma da cozinheira: antes de dar faca e queijo ao aluno, provocar a fome... Se ele tiver fome, mesmo que não haja queijo ele acabará por fazer uma *maquineta de roubar queijos*⁷. Toda tese acadêmica deveria ser isso: uma maquineta de roubar o objeto que se deseja... (ALVES, 2004, p. 23)

Assim, o escritor deixa claro que as Escolas Asas se dedicam a tarefa de provocar a sede natural pelo conhecimento presente no corpo de seus alunos. Pois, como já dito, o corpo quer aprender para poder viver. Essa habilidade de voar já existe no educando, é atribuição da

⁶ Notícias intencionalmente falsas, propagandas geralmente por meio das redes sociais e que objetivam confundir ou enganar seus leitores. Sua verificação é razoavelmente simples, mas o dano que causam após serem divulgadas ainda é gigantesco (ALLCOTT & GENTZKOW, 2017)

⁷ Em uma de suas aventuras de infância, Rubem construiu um equipamento que o permitiu roubar as pitangas que tanto desejava, mas que estavam na árvore do quintal de seu vizinho. O autor usa esse equipamento ou, como gosta de chamar, maquineta, com uma metáfora para a inteligência do aluno posta em prática na busca do objeto que conhecer (ALVES, 2004).

escola incentivá-lo a concretizar o vôo.

Infelizmente a grande maioria das escolas brasileiras são as chamadas Escolas Gaiolas. Tais escolas, pior do que não encorajar o vôo de seus estudantes, simplesmente os aprisionam, o que resulta num esquecimento do saber de voar.

Rubem Alves descreve essas escolas como:

Escolas que são gaiolas existem para que os pássaros desaprendam a arte do vôo. Pássaros engaiolados são pássaros sob controle. Engaiolados, seu dono pode levá-los para onde quiser. Pássaros engaiolados sempre têm um dono. Deixaram de ser pássaros. Porque a essência dos pássaros é o voo. (ALVES, 2002, p. 5)

E qual a consequência disso? Segundo o filósofo, a violência. Passarinho engaiolado luta para se livrar do cárcere. E nessa luta, ele machuca a si mesmo e ao professor que tenta domesticá-lo para fazê-lo caber nos programas oficiais (ALVES, 2002).

Note-se que nesse processo o professor acaba por ser vítima também, visto que lhe é cobrada a aplicação integral da grade curricular, sob pena de ser advertido pelas autoridades escolares e, em uma esfera maior, pelo Ministério da Educação.

O mais sintomático disso tudo é que, dado que esse processo de desaprendizagem se inicia já nos primeiros anos do ensino fundamental, o aluno que chega ao Ensino Médio é dotado de dois sentimentos: a frustração por ter sido mantido nessa gaiola por mais da metade de sua vida e o ódio (ou quase ódio, para não ser deveras dramática) por aquele que ele identifica como seu carrasco, a saber, o professor.

Daí a crescente onda de violência sofrida pelos professores na sala de aula. Violência esta que se multiplica quando levamos em consideração a cobrança que eles sofrem pelas autoridades educativas quanto a aplicação do programa oficial nas aulas, e os baixos salários

recebidos em troca. Isso para não falar das longas jornadas de trabalho as quais os professores se submetem a fim de totalizar um salário capaz de suprir suas necessidades.

Porém, ainda há um terceiro desafio que as escolas, receptoras desses alunos que passaram sua vida escolar inteira engaiolados, precisam enfrentar: resgatar a coragem de voar, para que seus alunos não cogitem retornar a gaiola.

Em uma de suas crônicas, Rubem Alves nos conta a história de um passarinho que, engaiolado, sonhava com o dia que seria livre e voaria pelos céus. Um dia, seu carrasco esqueceu a porta da gaiola aberta e o passarinho fugiu. Porém, quando se deu conta dos perigos da liberdade o passarinho

Tremeu de medo. Nunca imaginara que a liberdade fosse tão complicada. Somente podem gozar a liberdade aqueles que têm coragem. Ele não tinha. Teve saudades da gaiola. Voltou. Felizmente a porta ainda estava aberta. Neste momento chegou o dono. Vendo a porta aberta disse:
– Passarinho bobo. Não viu que a porta estava aberta. Deve estar meio cego. Pois passarinho de verdade não fica em gaiola. Gosta mesmo é de voar... (ALVES, 1994b, p. 12)

Rubem Alves com seu olhar apurado e sua linguagem doce e poética, nos apontou os principais e mais sintomáticos problemas do nosso sistema de ensino. Embora o mestre não nos tenha deixado uma receita para os resolvermos, ele nos mostrou que ainda existe uma fraca luz no fim do túnel. Resta-nos perseguí-la e fazê-la brilhar sobre essa escuridão que é a Educação no Brasil.

A função do professor no processo de ensino-aprendizagem

Rubem Alves, como um educador nato, escolheu sabiamente quem assumiria o papel central em sua pedagogia: o aluno. A filosofia da

educação de Alves demonstra constantemente empatia para com o sujeito que aprende, entendendo seu sofrimento ao ser exposto a saberes que não compõem sentido em sua vida e procurando aproximar ao máximo possível o conteúdo a ser transmitido com a realidade do aluno.

Segundo o próprio autor:

Os métodos clássicos de tortura escolar como a palmatória e a vara já foram abolidos. Mas poderá haver sofrimento maior para uma criança ou um adolescente que ser forçado a mover-se numa floresta de informações que ele não consegue compreender, e que nenhuma relação parecem ter com sua vida? (ALVES, 1994a, p. 11)

Ora, para que o aprendizado se realize, considerando os princípios presentes no pensamento rubemiano, é essencial que o indivíduo que está em contato direto com o aprendiz, geralmente o professor, se interesse pelo seu aluno e tenha um olhar atento para suas peculiaridades. Mais do que isso: o aluno precisa também estar no centro das atividades do professor, é ele que deve nortear a construção da estratégia de ensino.

E é aqui que Alves aponta para um obstáculo crucial na identificação e incentivo do bom educador: os critérios de avaliação aos quais estes estão inseridos.

Alves nos explica que:

[...] o que se computa, para fins de avaliação de um docente, não são as suas atividades docentes, relação com os alunos, mas a publicação de artigos em revistas indexadas internacionais. O que esses critérios estão dizendo aos professores é o seguinte: "Vocês valem os artigos que publicam: publish or perish"! Num universo assim definido pelo discurso dos burocratas o aluno, esse aluno em particular, cujo pensamento é obrigação do professor provocar e educar, se constitui num empecilho à atividade que realmente importa. (ALVES, 2004, p. 28)

Assim o papel do professor, que essencialmente seria ensinar seus alunos, é desviado para a produção de textos acadêmicos, cuja linguagem rebuscada, o afasta cada vez mais do universo no qual seus discentes estão inseridos.

Se por um lado produzimos professores cada vez mais conectados com o universo acadêmico e, por conseguinte, distantes do mundo do aluno, a constante desvalorização da categoria docente tem atraído profissionais completamente despreparados para a tarefa tão nobre de ensinar.

Esses profissionais, em sua maioria, escolhem a docência, não por vocação, mas como uma alternativa de trabalho, dado que não foram capazes de serem aprovados nos competitivos vestibulares de ofícios mais valorizados (como medicina ou engenharia, por exemplo), ou ainda, não possuíam recursos financeiros suficientes para arcar com os astronômicos custos dessas carreiras (mensalidades dos cursos, preços dos materiais, etc.).

Dessa forma vivemos na era da multiplicação de professores e da escassez de educadores. Em seu livro “Conversas com quem gosta de ensinar”, Alves compara, brilhantemente, a categoria com árvores. Os educadores seriam jequitibás, árvores seculares de raízes grandes e grossas, e os professores, eucaliptos, espécie de árvore que cresce depressa e de forma homogênea.

Quando se refere aos professores, Rubem Alves esclarece:

Mas professores são habitantes de um mundo diferente, onde o “educador” pouco importa, pois o que interessa é um “crédito” cultural que o aluno adquire numa disciplina identificada por uma sigla, sendo que, para fins institucionais, nenhuma diferença faz aquele que a ministra. Por isto mesmo professores são entidades “descartáveis”, da mesma forma como há canetas descartáveis, coadores de café descartáveis, copinhos plásticos de café descartáveis.

De educadores para professores realizamos o salto de pessoa para funções. (ALVES, 1980, p. 13)

Os profissionais “eucaliptos” não apreciam genuinamente os saberes que ensinam, afinal muitos deles, como vimos, escolheram a profissão como último recurso e assim, muitas vezes, não dispensam a mesma dedicação a ela tal como o fazem os profissionais “jequitibás”.

Em sua literatura Alves associa o ato de ensinar com a felicidade. No livro a “Alegria de Ensinar”, o autor utiliza o início da saga de Zaratustra⁸ para demonstrar a metamorfose do sábio em mestre. Esse processo se inicia de modo solitário através do enchimento da taça do sábio dos conteúdos que lhe alegram. A medida que o tempo passa a taça se enche, e o próximo passo é o transbordamento. É nesse momento que o sábio passa a compartilhar os conhecimentos que encheram a sua taça e lhe proferiram alegria: “Zaratustra, o sábio, se transforma em mestre. Pois ser mestre é isso: ensinar a felicidade.” (ALVES, 1994a, p. 7).

Da mesma forma que o professor sente prazer ao aprender e estudar o conteúdo que ensina, seus alunos deveriam sentir também, afinal o professor está ensinando a felicidade que preencheu sua alma de tal forma, que esta última, não sendo capaz de conter tamanho sentimento, agora o compartilha.

Nas palavras de Rubem Alves:

Pois o que vocês ensinam não é um deleite para a alma? Se não fosse, vocês não deveriam ensinar. E se é, então é preciso que aqueles que recebem, os seus alunos, sintam prazer igual ao que vocês sentem. Se isso não acontecer, vocês terão fracassado na sua missão, como a cozinheira que queria oferecer prazer, mas a comida saiu

⁸ Herói do livro *Assim falou Zaratustra* escrito pelo filósofo F. Nietzsche entre 1883 e 1885. Na estória ele é o anunciador da morte de Deus e do super-humano. É nesse livro que Nietzsche desenvolve os conceitos de super-homem e do eterno retorno (JAPIASSÚ & MARCONDES, 2001).

Mas, e se a alma do aluno possuir uma aversão ao tipo de alegria que transborda da alma do professor e rejeitá-la? Alves nos oferece uma solução para esse dilema com uma de suas aventuras infantis.

Segundo o escritor seu amor pela leitura nasceu da admiração que ele nutria por um dos poucos professores que exerceram uma influência positiva em sua vida. Em “O desejo de ensinar e a arte de aprender” Alves recorda:

Lamento dizer isso: tive poucos mestres que admirasse. Lembro-me de um que admiro até hoje, embora já se tenham passado mais de cinquenta anos: Leônidas Sobrinho Porto. Professor de literatura, nunca nos atormentou com informações sobre nomes e escolas literárias. Ele sabia que não aprenderíamos. Mas quando ele se punha a falar era como se estivesse possuído. Falava com tal paixão sobre as grandes obras literárias que era impossível não ser contagiado. Eu o admirava porque nele brilhava a beleza da literatura, queijo de que eu não gostava. Ele me fez amar a literatura. (ALVES, 2004, p. 35)

Assim vemos que o aprendizado é possível mesmo quando o aluno apresenta repulsa pelo objeto a ser estudado. O corpo aprende a gostar daquilo que o sujeito de seu amor e admiração gosta.

Vemos que não são poucos os amantes que aprendem a gostar de um determinado estilo musical que antes repugnavam, simplesmente por ser o tipo de música favorito dos seus amados. E já na área da educação, é comum ouvir profissionais atribuindo a escolha de suas profissões à influência recebida de um professor que eles admiravam nos tempos de escola.

Da mesma maneira que mantemos um objeto que pertenceu a uma pessoa querida, a fim de lembrarmos dela, aprendemos o que um professor que amamos nos ensina porque aquele conteúdo é o “objeto”

que substitui nosso amado e nos permite estar em sua presença. No fim das contas, “quando se admira um mestre, o coração dá ordens à inteligência para aprender as coisas que o mestre sabe” (ALVES, 2004, p. 35).

Em suma, Alves nos ensina que a função do educador estão muito mais relacionada com o amor e o prazer de ensinar do que com as titulações acadêmicas desse profissional. O verdadeiro educador é aquele capaz de reproduzir em seus alunos a alegria que ele próprio sente ao aprender o que ensina, como também gerar interesse naqueles que intrinsecamente não apreciam o conteúdo de suas aulas, ao cativar a admiração destes últimos.

Essas habilidades não são adquiridas pelos métodos convencionais de ensino dos ofícios, elas nascem do amor que se nutre pelo objeto que se aprende, o qual posteriormente se converte na alegria de se compartilhar o que se aprendeu. Como bem disse Rubem Alves: “Educador, ao contrário, não é profissão; é vocação. E toda vocação nasce de um grande amor, de uma grande esperança.” (ALVES, 1980, p. 11).

Considerações finais

Rubem Alves, apesar de humilde, foi um gigante da Educação brasileira. Enquanto muitos estudiosos da educação focavam seus esforços no desenvolvimento de um método de ensino aplicável a um aluno modelo descolado do aluno real, Alves chamou nossa atenção para a diversidade do sujeito que aprende, valorizando sua subjetividade, sonhos e ansiedades.

O educador, bastante crítico dos vestibulares, sonhava com o tempo que eles não mais existiriam. Em entrevista ao Programa Roda

Viva da TV Cultura, no ano de 2003, ele conta sobre a alteração que sugeriu no vestibular da Unicamp, em conjunto com outros professores. O novo exame seria dissertativo, o que permitiria aos avaliadores uma visão mais clara do candidato, e conseqüente uma avaliação mais abrangente da capacidade crítica-reflexiva do mesmo.

Se por um lado essa proposta é extraordinária, por outro ela carece de justiça e equidade, dado que nos é ainda impossível criar critérios puramente objetivos para avaliar exames elaborados nesses moldes.

Esse impasse perpassa todo o pensamento de Alves, que foi constantemente questionado sobre qual seria sua solução para o problema dos vestibulares, e uma vez que ele não ofereceu essa solução, poucas não foram as críticas que recebeu por continuar a criticar esse modelo, considerado por seus críticos o mais *justo possível*.

Verdade seja dita: atribuir aos professores a penosa tarefa de lutar pela completa renovação do sistema de ensino brasileiro é sobrecarregá-los, somando mais um fardo aos muitos outros que eles já carregam (baixos salários, longas jornadas de trabalho, etc.).

Todavia, deixar a educação como está não é opção. Dia após dia observa-se o aumento da violência contra professores nas salas de aula e, apesar do número de pessoas não alfabetizadas ter diminuído nas últimas décadas, a quantidade de jovens analfabetos-funcionais que se formam no ensino médio cresceu.

Nesse caso, já dito que uma mudança completa procedida de fora para dentro está longe de acontecer, resta a nós, professores, realizá-la a partir de dentro e de forma progressiva. É verdade que não podemos alterar a tabela de conteúdos exigida pelo Ministério da Educação. Cumprir o programa é uma das nossas obrigações.

Mas, e se colocarmos nosso próprio tempero nessa comida insossa, e a apresentarmos aos nossos alunos de uma forma bela e

divertida? E aqui me atrevo a comparar essa estratégia com a usada pelas mães japonesas na preparação do bentô⁹ de seus filhos pequenos.

Todos sabemos que criança não gosta dos sabores amargo e azedo, por isso é difícil fazê-las comer vegetais. Para vencer isso e inserir uma alimentação saudável desde cedo em suas crianças, os pais japoneses se dedicam a deixar a comida bonita e divertida, usando moldes de animais e outros artifícios que transformam a refeição em uma *quase obra de arte*.

As crianças comem os sabores que inicialmente não gostavam simplesmente pelo prazer de ingerir aquelas formas tão curiosas e interessantes. O conteúdo é o mesmo. A apresentação é diferente.

Ora, como realizar isso com objetos imateriais como saberes? Rubem Alves, como vimos, nos oferece duas táticas: aproximar o conteúdo que se pretende ensinar do que é sensível ao aluno, i.e., de sua realidade; e cativar o aluno de modo que ele se interesse a aprender o que ensinamos, mesmo que inicialmente não tenha interesse.

A estratégia de cativar o aluno, geralmente é produto do nosso próprio interesse pelo assunto que ensinamos. Quando nos lembramos dos professores que nos cativaram em nossa jornada acadêmica, não demoramos muito para perceber que eles eram fascinados pelas disciplinas que ensinavam.

Já a estratégia que dita a aproximação do conteúdo com a realidade do aluno possui um grau a mais de complexidade quando esse conteúdo é oriundo da filosofia. Por mais humanos que os problemas que a filosofia aborda sejam, a abstração realizada para se produzir suas soluções acaba convertendo-a em uma disciplina de difícil assimilação, dada a complexidade de conectá-la com o cotidiano dos alunos do

⁹ Marmitta japonesa individual, geralmente composta por arroz, peixe ou carne e legumes. Os bentôs infantis são famosos pelas cores (a marmitta deve conter 5 cores de alimentos para ser equilibrada) e pela arte na comida.

ensino médio.

Temas relacionados com a ética e a política, ainda são mais passivos de serem aproximados ao universo do discente. Pode-se usar, por exemplo, acontecimentos da própria vida do estudante para contextualizar esses saberes. Já temas da metafísica e epistemologia apresentam um grau de dificuldade muito maior, quando se pretende realizar essa aproximação.

E é aqui que eu peço licença ao mestre Alves para sugerir minha própria estratégia: ensinar a vida do filósofo em conjunto com seu pensamento, procurando contextualizar no espaço e no tempo a concepção de suas ideias.

Uma das dificuldades dos alunos que estudam filosofia no ensino médio (além de compreender os conceitos filosóficos) é entender de onde “tudo isso veio”. Apresentar uma biografia restrita do autor da ideia estudada, como o ano e o lugar em que nasceu, só serve ao propósito de afastar ainda mais aquele conhecimento da vida do aluno, que agora utilizará a distância no tempo para justificar o seu desinteresse.

Por outro lado, ao apresentamos o filósofo como um ser humano como todos os outros, dotado de vícios, paixões e aspirações, aumentamos as chances de que nossos alunos desenvolvam empatia por eles e conseqüentemente, se dediquem a aprender o que eles pensaram.

Somos seres empáticos, colecionamos ídolos e neles nos identificamos. É verdade que algumas ideias nos cativam exclusivamente por elas mesmas. Todavia, não são poucas as vezes que somos influenciados pelo que nossos ídolos fizeram e não somente pelo que falaram.

Assim, o professor de filosofia tem a sua disposição mais uma ferramenta para exercer o ensino dessa disciplina tão polêmica, e garantir que a aprendizagem se realize.

Lembremos sempre o objetivo do ensino, como bem nos ensinou Rubem Alves, está longe de engordar o aluno com conteúdos vazios de significado, e dos quais este procura se desfazer rapidamente assim que deixa a mesa¹⁰.

Por mais que este aluno esteja empanturrado desse alimento, ele não sentiu prazer nenhum ao ingeri-lo; ele comeu pois foi forçado a isso, assim como somos forçados a aprender saberes que não entendemos simplesmente porque eles nos serão requisitados em algum momento futuro.

O nosso objetivo como educadores é despertar no aluno o desejo por consumir aquele conteúdo que desejamos ensinar. Podemos provocar sua fome tanto pelo cheiro e aparência da comida, como também pela admiração que aquele que come, sente pelo cozinheiro. Afinal de contas, a comida de nossa mãe nem sempre é bonita, mas é sempre deliciosa.

Por fim, encerro com um apelo aos professores feito por Alves a 25 anos atrás, mas que eu gostaria de reforçar:

Vai aqui este pedido aos professores, pedido de alguém que sofre ao ver o rosto aflito das crianças, dos adolescentes: lembrem-se de que vocês são pastores da alegria, e que a sua responsabilidade primeira é definida por um rosto que lhes faz um pedido: “Por favor, me ajude a ser feliz...” (ALVES, 1994a, p. 12)

Bibliografia

ALLCOTT, Hunt, GENTZKOW, Matthew. Social media and fake news in the 2016 election. National Bureau of Economic Research, 2017.

¹⁰ Mesa aqui é uma metáfora para sala de aula ou escola. Como vimos anteriormente, Alves se utiliza muito de referências culinárias para explicar o processo de ensino-aprendizagem. Para ele, quando “sem fome o corpo se recusa a comer. Forçado, ele vomita.” (ALVES, 2004)

Disponível em: <https://www.aeaweb.org/articles?id=10.1257/jep.31.2.211>

Acesso em: 20 de novembro de 2019.

ALVES, Rubem. A Alegria de Ensinar. 3a Ed. São Paulo: ARS Poetica Editora LTDA, 1994a.

_____. Conversas de quem gosta de ensinar. 1a Coleção Polêmicas do nosso tempo. São Paulo: Cortez Editora & Editora Autores Associados, 1980.

_____. O Desejo de Ensinar e a Arte de Aprender. Campinas: Fundação EDUCAR DPaschoal, 2004.

_____. O País dos Dedos Gordos. 15a Ed. São Paulo: Edições Loyola, 1986.

_____. O principal objetivo da educação é produzir fome. Porto, Educare, 19 de maio de 2006. Entrevista à revista Educare.pt. Disponível em: <https://www.educare.pt/noticias/noticia/ver/?id=19293&langid=1>

Acesso em: 9 de setembro de 2019.

_____. Por uma educação romântica. 1a Ed. Campinas: Papyrus, 2002.

_____. Provocações. São Paulo, TV Cultura, 03 de maio de 2011a. Entrevista a Antônio Abujamra. Disponível em:

http://tvcultura.com.br/videos/54869_provocacoes-rubem-alves.html

Acesso em: 8 de julho de 2019.

_____. Rubem Alves, O Professor de Espantos. Direção e Roteiro: Dulce Queiroz. Imagens: Cícero Bezerra e Claudio Adriano. 44 min. TV Câmara, 2013. Disponível em:

<http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/tv/materias/DOCUMENTARIOS/434311-RUBEM-ALVES,-O-PROFESSOR-DE-ESPANTOS.html>

Acesso em: 8 de julho de 2019.

_____. Roda Viva. São Paulo, TV Cultura, 08 de setembro de 2003. Disponível em:

https://tvcultura.com.br/playlists/51_roda-viva-educacao_TUgIBp3D90Y.ht

[ml](#) Acesso em: 19 de outubro de 2019.

_____. Sobre a inteligência e o pênis. Revista Educação, 2011b.

Disponível em:

<https://www.revistaeducacao.com.br/sobre-a-inteligencia-e-o-penis/>

Acesso em: 20 de setembro de 2019.

_____. Teologia do Cotidiano - Meditações sobre o momento e a eternidade. Coleção Cores do Dia. São Paulo: Olho DAguá, 1994b.

JAPIASSÚ, Hilton. MARCONDES, Danilo. Dicionário Básico de Filosofia. 3a Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

NUNES, Antônio Vidal. Aspectos filosóficos e pedagógicos do pensamento de Rubem Alves. Pense. Revista Mineira de Filosofia e Cultura, v. 1, 2012.